

**Quem:** Rui Pedro Reis

**Idade:** 30 anos

**Pretexto:** É coordenador da SIC Notícias e editor do programa “Música do Mundo”

**Outros trabalhos:** Foi uma das figuras de uma rádio nacional

**Imagem:** Fanático pelos media

**Característica durante a entrevista:** Estava, como não poderia deixar de ser, muito bem disposto.

## ENTREVISTA

A

## RUI PEDRO REIS



Marta Rodrigues

4º Ano do Curso de Comunicação Social

**Marta Rodrigues - Sei que começaste na rádio. Quanto tempo ficaste por lá?**

**Rui Pedro Reis** - Contando com um período experimental, 12 anos e, mais a sério, fiquei por 5 anos.

**Marta Rodrigues – Passaste logo para a televisão?**

**Rui Pedro Reis** – Não, tive dois anos para acabar o curso de Jornalismo na Universidade Católica de Lisboa e nunca quis ser jornalista de rádio. Estava na parte da programação e divertia-me imenso. Fazia, para além disso, reportagens de surf, desportos radicais e ralis... Depois, quando acabei o curso, tinha que fazer um estágio e a carteira de estágios não era uma “coisa famosa”, porque eu nunca tinha pensado em fazer televisão. Queria fazer rádio, mas não me agradavam as hipóteses de rádio que havia na Universidade e, como havia a SIC, resolvi vir para aqui estagiar.

**Marta Rodrigues – Como surgiu então essa hipótese da vinda para a SIC?**

**Rui Pedro Reis** – Eu conhecia algumas pessoas, que tinham trabalhado comigo na rádio (e muitas vieram também para aqui) como Nuno Santos, Jorge Gabriel, João Ferreira, João Adelino Faria e imensa gente que hoje está aqui. Já tinha vindo à SIC, mas ainda não pensava nisto. Inscrevi-me e achava que até nem tinha nota para ficar (e eram só 3 estágios). Mas fiquei, felizmente. E depois vim para cá e dei-me muito bem. Foi muito bom, porque logo no primeiro dia, mandaram-me fazer reportagem e tive que ir. Nunca tinha feito reportagem em televisão. Tinha umas ideias de como se fazia e depois fui gostando. E, na altura em que acabou o estágio, houve a hipótese de eu ficar, ainda um pouco indefinido e fui ficando... e ainda cá estou ... há 6 anos.

**Marta Rodrigues – O que gostas mais de fazer? Ser jornalista ou coordenar um jornal?**

**Rui Pedro Reis** – Isso é uma boa pergunta. O ideal era conciliar as duas coisas. É muito estimulante, embora muitas pessoas não gostem. Coordenar um jornal também é muito stressante. Posso dizer que coordenar um jornal é dez vezes mais cansativo do que ser jornalista na redacção.

Ser jornalista também tem alguns atractivos que são fantásticos: o gosto de poder criar uma história seja ela qual for. Há histórias melhores e piores, e às vezes quando se está na régie a alinhar um jornal tem-se um pouco de inveja de alguém que fez uma história que nós gostávamos de fazer.

**«Acho que a informação, nomeadamente em televisão, mudou muito depois de ter aparecido a SIC NOTÍCIAS»**

**Marta Rodrigues – Qual é o segredo para se ser isento e imparcial, como tu?**

**Rui Pedro Reis** – Tenho uma teoria muito própria sobre a isenção: ela não existe. Passei o meu curso inteiro de 5 anos a batalhar contra o estigma da isenção e bato-me contra quem for preciso, porque a isenção não existe. Tenho 30 anos e ao longo de 30 anos vi algumas coisas e foram-me ensinadas outras. Portanto, não tenho uma visão isenta da realidade, não posso ter. Posso é tentar ter uma visão objectiva e, mesmo isso, é sempre subjectivo. Posso pensar que sou rigoroso naquilo que faço e acho que o rigor é essencial. Temos que ter a consciência daquilo que sabemos e daquilo por que nos balizamos: eu sou do Benfica, logo, se calhar, posso dizer: “Sou isento a fazer peças de futebol”, mas provavelmente não o sou. Provavelmente, por saber que sou do Benfica, tenho uma tendência muito grande para castigar o Benfica à mínima coisa, que é a minha defesa.

Se eu fosse isento - o tal estigma de isenção -, não o fazia. Ou seja, acho que temos que procurar ser rigorosos, temos que quebrar o mito da objectividade e da isenção e temos que ter a ideia que estamos a passar uma mensagem. Devemos passá-la da forma mais clara possível, mas não podemos abstrair-nos de uma ideia: é a nossa visão sobre a realidade. Eu descrevo esta mesa, que está aqui, de maneira diferente, de certeza de como os outros a descrevem, porque é a minha visão. Senão, o Jornalismo era todo igual, o modo como eu fazia uma notícia era como a TVI a faz, e isso não acontece.

**Marta Rodrigues – Como classificas a tua experiência profissional nesta casa?**

**Rui Pedro Reis** – A minha experiência aqui é muito positiva. Tem altos e baixos como em todo o lado. É muito positiva, principalmente quando olho à volta e acho que tenho imensa sorte em trabalhar num sítio onde posso fazer o Jornalismo de que eu gosto. Seria muito mais infeliz se estivesse noutra estação televisiva. Como esta não há muitas, e não vou pormenorizar do que é que não gosto. Se calhar, há coisas que eu fazia de maneira diferente em algumas situações. Sinceramente, é o sítio onde eu sinto que a estratégia da casa vai mais ao encontro daquilo que gosto de fazer.

**Marta Rodrigues** – **Aceitaste imediatamente o trabalho de Coordenação ou pensaste muito sobre isso ?**

**Rui Pedro Reis** – Foi um desafio que aceitei logo. Depois de aceitar, pensei muito nisso, mas aceitei logo. Na fase em que aconteceu, a SIC NOTÍCIAS estava a arrancar. Era um salto qualitativo e era uma coisa que não podia recusar até porque estava a ser pedida por uma pessoa que tinha apostado em mim. Portanto, não me arrependo nada de ter aceite o convite.

**Marta Rodrigues** – **Como caracterizas a informação da SIC NOTÍCIAS?**

**Rui Pedro Reis** – A SIC NOTÍCIAS tem um comportamento brilhante. Se olharmos para a média de canais europeus de informação - quando digo europeus, não estou a contar com a CNN e a Sky News que já tem uma dimensão diferente -, mas se a compararmos com a CNN Plus espanhola, CNN Plus turca, a TVE, vemos que a SIC NOTÍCIAS, para os meios que tem, faz um trabalho notável e tem uma equipa de profissionais que é brilhante. Tenho orgulho nos colegas que tenho e isso dá-me muita confiança como coordenador e como jornalista, porque sei que, se precisar de alguma coisa deles, tenho-a ali, no momento. E, por isso tudo, acho que o produto final e a imagem que as pessoas têm da SIC NOTÍCIAS até acaba por enganar, ou seja, parece que a SIC NOTÍCIAS tem muito mais meios do que na prática tem. O resultado final é francamente positivo nestes dois anos... quase três anos. O canal não só tem mantido o padrão de qualidade, como também cresceu e isso é importantíssimo. Num futuro muito próximo, se o mercado também o permitir, a SIC NOTÍCIAS pode ser ainda maior, até porque faz parte de uma *network* que tem um potencial enorme e, portanto, o balanço do

produto SIC NOTÍCIAS, para resumir, é muito positivo. Acho que a informação, nomeadamente em televisão, mudou muito depois de ter aparecido a SIC NOTÍCIAS.

**Marta Rodrigues – Está na ordem do dia a polémica sobre a pedofilia. Quem achas que tem cometido mais erros, nesta matéria: as televisões ou os jornais?**

**Rui Pedro Reis** – Não vou dizer que se tenham cometido erros. Acho que se podem ter cometido já alguns excessos, mas acho também que se o caso pedofilia existe é muito por culpa dos jornais, começando pelo *Expresso* que teve um papel determinante no lançamento do caso. Não vou dizer que subscrevo tudo o que se tem escrito e dito sobre o Processo Casa Pia – seria uma loucura fazê-lo. Este é um processo que daqui a muitos anos irá fazer parte dos compêndios de Jornalismo. É um caso notável para acompanhar e analisar. Já houve momentos em que existiu uma sobrecarga de matéria supostamente noticiosa e, algumas vezes, especulativa acerca do assunto, mas acho que o papel da comunicação social tem sido muito determinante em vários aspectos.

**«Um estagiário que seja atento, dedicado e humilde tem os três ingredientes para poder vingar como estagiário na SIC NOTÍCIAS e principalmente no Jornalismo»**

**Marta Rodrigues – Certamente que o drama dos incêndios não te tem passado despercebido. Pretendes sensibilizar os telespectadores para este drama?**

**Rui Pedro Reis** – É pretensioso achar que estamos a conduzir ou a formatar as pessoas. Tentamos passar uma mensagem e cada um apreende essa mensagem como quer. Por exemplo, quando falas dos incêndios podes ter duas consequências: sensibilizar as pessoas para a questão ou incitar criminosos para atear mais fogos. É como quando se fala de um suicídio: podes levar mais pessoas a cometê-lo. Tento relativizar as consequências daquilo que podemos dizer, senão ficaríamos muito preocupados. Temos que noticiar as coisas da forma mais conscienciosa possível, de forma algo ponderada. Se tenho alguma esperança em que as pessoas fiquem mais alerta e tenham maior consciência cívica? Acho que sim.

**Marta Rodrigues – A saúde financeira das televisões reflecte-se necessariamente no teu alinhamento?**

**Rui Pedro Reis** – Por exemplo, ao nível da informação, é óbvio que era óptimo ter equipas de 20 jornalistas, ter 20 repórteres de imagem para cada turno, 5 carros de exterior permanentemente na rua a fazer directos, etc.. Ao nível do programa “A Música do Mundo” era óptimo ter sempre repórteres fora do país a fazer entrevistas, exclusivos. Mas há contingências e há sempre um orçamento a cumprir.

**Marta Rodrigues – O que pensas da SIC NOTÍCIAS enquanto escola para os estagiários?**

**Rui Pedro Reis** – Resumindo e “baralhando”: a vida de um estagiário não é nada fácil. Sair de uma Universidade e chegar aqui é chocante. Chegar assim, de repente, à frente de batalha, às vezes não se sabe onde é a trincheira e esconder-se no momento certo pode não ser fácil.

Um estagiário que seja atento, dedicado e humilde tem os três ingredientes para poder vingar como estagiário na SIC NOTÍCIAS e principalmente no Jornalismo. Se uma pessoa estiver atenta, vai juntando as peças do *puzzle* aos poucos e começa a perceber a mecânica da redacção, o modo como deve agir na própria mecânica da redacção - que às vezes não é fácil e é desgastante – e que nos primeiros dias até pode ser por vezes assustador. Em algumas coisas, no bom sentido, pode intimidar, por isso tem passado por aqui muita gente que, após três meses de estágio, ficou no ponto nos últimos 15 dias. E nós pensamos que esteve aqui 15 dias no ponto e o largamos... Se calhar há outros que agarramos e fomos nós que tivemos o trabalho.

Este trabalho é como o de um cirurgião ou como o de um piloto de aviões: não basta saber fazer coisas certas, há que saber remediá-las quando há problemas. O Jornalismo também é assim.